



Auta Rosa de Amarante: Desafios e contribuições para a teologia feminista e para a teologia feminista negra¹

Auta Rosa de Amarante: Challenges and contributions for feminist theology and for black feminist theology

Flávia Regina S. Martins*

Resumo: O presente artigo busca dar visibilidade à história de vida de Auta Rosa, personagem da religiosidade popular da cidade de Amarante e apresentá-la como figura de devoção para compreender como tornou-se parte das manifestações de religiosidade popular. As informações foram coletadas através do registro de relatos da história oral em visitas realizadas na cidade de Amarante. Além disso, são apresentadas informações de fontes bibliográficas, as quais são escassas e contraditórias. O relato sobre Auta Rosa vai sendo costurado com a experiência de vida da autora de sua mãe e, por fim, estabelece relações com a discussão em torno da teologia feminista e da teologia feminista negra.

Palavras-chave: Feminismo. Teologia feminista negra. Religiosidade popular. Auta Rosa.

Abstract: This article aims to give visibility to the life history of Auta Rosa, a character of the popular religiosity of the city of Amarante and present her as a figure of devotion, in order to understand how she became part of the manifestations of popular religiosity. The information was collected through the registration of oral history narratives in visits to the city of Amarante. Besides, information from bibliographical sources, rare and contradictory, are also presented. The narrative about Auta Rosa is sewed together with the experience of the author and her mother and, at last, established connections with the discussion on feminist theology and black feminist theology.

Keywords Feminism. Black feminist theology. Popular religiosity. Auta Rosa.

¹ O presente artigo é um recorte do Trabalho Final do Mestrado Profissional, na linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade, desenvolvido na Faculdade EST no período de 2015 a 2017 sob orientação do Dr. André S. Musskopf.

* Possui graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade de João Pessoa (1999) e formação em Psicologia. cursou o mestrado na Escola Superior de Teologia (EST, 2015-2017) na área de Gênero, Feminismos e Diversidade, com ênfase em Teologia Prática. É psicóloga na Prefeitura Municipal de Floriano, estado do Piauí, coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu (Floriano) e professora de Psicologia da Faculdade de Floriano (Faesf/PI). Contato: clsantabarbara@outlook.com



Introdução

Estudar o feminismo nunca fez parte de um projeto de vida pessoal ou profissional. Nunca esteve incluído entre as leituras preferidas, fossem elas para formação ou mesmo como opção de ampliação cultural. E as razões para isso sempre foram bastante simples, pois sempre ouvi as pessoas dizerem que “*feminismo é coisa de mulher radical, que quer ser igual a homem*”; “*feministas são um grupo de mulheres lésbicas que radicalizaram, se revoltaram e foram às ruas queimar sutiãs na década de 1960 e protestar contra suas insatisfações*”; “*feministas são mulheres mal-amadas e por isso muito mal humoradas*”. Foi isso que ouvi durante a maior parte de minha vida de criança, menina, mulher e mãe.

Como, então, despertar interesse por algo tão impessoal e tão negativamente conceituado? Hoje, percebo que a realidade em que fui educada mostrava o oposto e perceber isso era parte de um processo ainda não vivido. Hoje compreendo que minha mãe foi a primeira mulher com ideias feministas que conheci e, talvez, ainda esteja em processo de vir a ter consciência disso. A história de vida dela também me ajudou a perceber a importância e o legado de Auta Rosa de Amarante.

Minha mãe trabalhou na condição de empregada doméstica na casa de intelectuais, resultado do abandono do seu pai e da impossibilidade da sua mãe de ser fonte de sustentação para filhos e filhas; casou-se aos 17 anos como forma de libertação do que sempre seria a casa de outras pessoas; conquistou a autonomia financeira favorecida pelo serviço público e pelo ofício de costureira que aprendeu ainda criança. Tudo isso fez com que sonhasse e lutasse por um futuro diferente daquele que teve para as quatro filhas que veio a ter. Tudo isso traz implícita e explicitamente uma luta que ainda hoje é travada pelas mulheres na sociedade: a luta por direitos iguais, por autonomia, independência e por melhores condições de vida e de trabalho. Descobrir-se feminista é parte de um processo de vida e de identidade de gênero que precisa fazer parte da história de vida de todas as mulheres independentemente de etnia, raça, religiosidade ou de qualquer outra categoria de identificação social.

Esta breve narrativa busca refletir sobre a importância de conhecer para além daquilo que normalmente serve de base para a construção dos estereótipos difundidos e fortalecidos pela ignorância das pessoas. Ignorância por não saber ou mesmo pela negação das possibilidades de buscar e de conhecer. Isso implica olhar o cotidiano a partir e além das experiências de vida. Perceber a necessidade de atentarmos para o entendimento que é preciso ter quando se diz coisas como: “*as mulheres são assim*” ou, de outro modo, que “*ser mulher significa comportar-se desta ou daquela forma*”.

Mais importante do que defini-la, muitas vezes de forma distorcida, seria ousar entender e perguntar: Sobre quais mulheres estamos falando? Quais são as suas experiências de vida sobre as quais realmente importa perguntar? Como se sentem, o que pensam, o que desejam e de que modo são representadas pelos grupos ou categorias das quais fazem parte?

Provavelmente se estas perguntas tivessem sido feitas em algum momento na minha vida, o entendimento sobre o movimento feminista e sobre o ser mulher feminista me rendessem parte da identidade que atualmente se faz possível descobrir. Foi a partir do Mestrado Profissional na linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade que tive a oportunidade de perceber a concepção equivocada, preconceituosa e distorcida acerca do feminismo. É, também, a partir desta oportunidade que tento, aos poucos, convencer a minha mãe de que tudo que ela nos possibilitou foi fruto e consequência do seu “modo de pensar” feminista.

Estudar o feminismo sob uma perspectiva mais ampla é algo relevante do ponto de vista acadêmico, pessoal e profissional. Esse estudo nos coloca na condição de partir de um princípio epistemológico básico que diz que ser feminista é saber e lutar para que os direitos das mulheres de serem pessoas singulares sejam respeitados e assegurados, pelo simples fato de sermos pessoas com direitos iguais. Saber e lutar por isso implica assumirmos uma identidade que não nos deixa ser engolidas por um processo de negação social e pelo achatamento de nossas potencialidades e de nosso ser nas suas mais diversas possibilidades. Implica saber que temos uma identidade que nos define: mulheres empoderadas, mulheres negras, mulheres homossexuais ou mulheres heterossexuais, mulheres transexuais, mulheres cristãs, mulheres de umbanda, de batuque ou de candomblé, que apesar das diversidades temos uma história de vida para contar. São histórias de vida que precisam ter visibilidade, ser compartilhadas, entendidas, valorizadas e ressignificadas dentro de uma coletividade do ser feminino.

Nesse sentido, este trabalho pretende, seguindo uma linha de busca e encontro de relações entre histórias de vida, de minha mãe e de Auta Rosa, dar visibilidade à história de vida de Auta Rosa de Amarante e as suas experiências de vida, morte e devoção, favorecendo um exercício de aproximação entre o campo de saber teológico e as manifestações de religiosidade popular que se fizeram no seu entorno ao ser, após sua morte, considerada personagem da religiosidade popular. Dessa forma, busca-se articular sua história com as discussões no campo da teologia feminista e da teologia feminista negra.

Excursionando pelo universo de Auta Rosa

As narrativas de vida e os relatos etnográficos são instrumentos utilizados para colher informações em um espaço específico onde a pretensão é compreender como as relações entre determinados fenômenos acontecem alterando e modificando uma realidade específica. Nesse

sentido, excursionar pelo universo de Auta Rosa significa buscar, através das visitas realizadas na cidade de Amarante, encontrar, a partir do relato de experiência das pessoas que preservam a memória acerca da história da cidade, os elementos que contribuam para com o entendimento da devoção em si que se formou em torno dela, a fim de identificar elementos que relacionem sua história aos desafios para a teologia feminista e teologia feminista negra.

Relatos etnográficos: a experiência de ouvir sobre Auta Rosa

Em conversa com uma amiga historiadora, Patrícia Santos, mestra em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), hoje doutoranda na mesma área, fui apresentada à história de uma mulher, descendente de pessoas escravizadas. De modo semelhante à minha mãe, foi mulher negra e pobre e esteve a serviço de família abastada desempenhando a função de ama de leite para filhos e filhas de sua patroa que também se dizia sua madrinha. Auta Rosa de Amarante foi uma mulher que sofreu grandes discriminações e que, infelizmente, devido às condições de vida e às consequências do preconceito histórico e social, não teve a mesma oportunidade de transformação e crescimento através de sua descendência que teve a minha mãe.

Ao ser apresentada à história de vida de Auta Rosa amarantina, percebi que, através dela e da sua história, poderia vir a saber mais sobre a minha própria identidade. Esse primeiro contato me encheu de curiosidade, me provocou e, ao mesmo tempo, despertou uma empatia muito grande pela semelhança entre as nossas histórias de vida e pelos caminhos diferentes que cada história tomou.

Conheci a história da Auta Rosa através do olhar daquela historiadora, segundo a qual Auta era uma mulher negra que viveu na cidade de Amarante no período pós-escravidão. Ela teria morado com alguns parentes desde criança e ajudava com os serviços domésticos. Segundo o relato, ali cresceu e permaneceu até tornar-se adolescente, quando engravidou. Ao perceber que a afilhada havia perdido a virgindade, a madrinha a teria mandado embora da sua casa.

A partir de então, Auta passou por muitas privações, tanto ela quanto o filho que veio a ter. Alguns relatos dão conta que passou a se prostituir para sustentar o filho que teria falecido ainda criança vitimado pela tuberculose. Ainda muito jovem morreu também Auta Rosa acometida pela mesma doença que contraiu a partir do contato com corpos de pessoas que ela ajudava a cuidar para que tivessem um sepultamento mais digno. Foi enterrada fora do cemitério da cidade, segundo alguns moradores, devido ao fato de ser pobre, negra e considerada prostituta pela sociedade ou, conforme outras versões, devido a problemas de ordem política que existiam na época entre seu então padrinho e a intendência municipal.

Contou-me ainda a historiadora que existe uma devoção acerca da finada Auta. Que algum tempo depois de ter sido enterrada, ao tentarem retirar os seus restos mortais para receber um



segundo sepultamento, desta vez dentro do cemitério, ela teria sido atingida pela enxada utilizada pelo coveiro e que do seu rosto, quase intacto, teria jorrado sangue. Esse fato extraordinário teria feito com que fosse considerada santa no imaginário popular. Afirmou ainda que a devoção segue viva e faz parte da cultura popular da cidade de Amarante. Pessoas de diversos estados do Brasil fazem peregrinação como forma de agradecimento por graças alcançadas através da invocação do nome de Auta Rosa.

Levada pela curiosidade e pela necessidade de conhecer mais sobre aquela história que me impactou de forma tão intensa, resolvi que seria importante conhecer mais sobre a sua história, visitar seu túmulo, ainda preservado na parte externa do cemitério, compreender a manifestação da religiosidade popular e a devoção à Auta Rosa pela comunidade. Foi então que, em 2 de novembro de 2016, dia de Finados, fui até a cidade de Amarante para conhecer um pouco mais sobre sua memória preservada pela comunidade local.

Ali chegando, a primeira imagem que vi foi a de um túmulo simples, desgastado pelo tempo, escurecido pelo calor das velas que ali foram acendidas. Demorei a tirar os olhos daquela imagem que quase que como encanto me fizeram voltar no tempo e sentir uma espécie de empatia. Era uma sensação de encantamento, tristeza, indignação e uma grande vontade de tê-la conhecido pessoalmente.



Túmulo de Auta Rosa

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Aos poucos, dei-me conta do ritual que acontecia. Rezava-se a primeira missa do dia às seis da manhã. Muitas pessoas assistiam e participavam respondendo ao ritual católico romano, cantando louvores e acendendo velas. Levada pelo clima de tranquilidade que pairava no local, nem consegui esperar que a missa terminasse. Aos poucos fui me aproximando do túmulo de Auta Rosa e nele consegui ver uma mensagem já apagada pelo tempo em seu jazigo que dizia: “Pela dedicação e amor ao próximo, uma mulher tornou-se um mito popular. Ficam então as homenagens merecidas à finada Auta simbolizando o reconhecimento do povo de Amarante”.



Placa no túmulo de Auta Rosa
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em seguida, observei que algumas pessoas acendiam velas e as colocavam no túmulo identificado como sendo de Auta Rosa. De gerações bem distintas, eram crianças, jovens, pessoas de meia idade, idosas e idosos. Aproximei-me de várias daquelas pessoas e perguntei a cada uma o motivo pelo qual acendiam as velas naquele túmulo e o que sabiam sobre a história de Auta Rosa, seus milagres, promessas feitas, graças alcançadas.

Timidamente algumas respondiam dizendo ser parte da sua devoção tanto nas segundas-feiras, dia consagrado às almas, quanto no dia de Finados. Outras pessoas diziam terem se tornado devotas por ouvirem falar sobre seus milagres e que a vela simbolizava uma forma de reconhecimento do poder de Auta Rosa. Outras, ainda, recontavam partes da história da vida de Auta e a viam como exemplo de bondade a ser seguido. As crianças repetiam histórias ouvidas através das pessoas adultas e pareciam brincar ao acender as velas. Contou-me uma jovem que na cidade havia uma pessoa que recebera o nome de Auta Rosa em homenagem à santa, ao nascer de um parto muito difícil e complicado. Já desenganada pelo médico, a mãe teria feito promessa para que conseguisse nascer bem. Sendo atendida em seu pedido, como forma de agradecimento, colocou em sua filha o nome de Auta.

Alguns homens também prestavam homenagem no túmulo e, ao serem questionados, responderam brevemente sobre a devoção que observaram nos seus antepassados e nas suas antepassadas e que, a partir de então, igualmente tornaram-se devotos. Outros lembraram de pessoas mais idosas, já falecidas, que haviam recebido milagres através de curas de doenças graves, graças ao receber de volta familiares desaparecidos e desaparecidas, mudanças de comportamento de muitas pessoas que conseguiram se libertar de dependência química.

Após a missa, em conversa com o celebrante do ritual, ele me explicou que, a seu ver, as pessoas necessitam de alguém ou de alguma coisa à qual se apegar como forma de manter contato com Deus e assim continuar crendo. Afirmou que a essência daquilo que chamam “milagre” de Auta Rosa seria, na verdade, resultado de mudanças que acontecem a partir da percepção de cada um

e cada uma que acredita e que faz da memória da pessoa considerada santa uma mediadora entre si e o criador. Enfatizou também que o ser humano não necessitaria dessa mediação, sendo possível um contato direto com Deus que criou todas as coisas.

Uma senhora me relatou um pouco mais sobre o surgimento da devoção atribuída à Auta. Recontou, segundo ela, o que ouviu de seus antepassados e de suas antepassadas. No relato, disse:

*“A vida de Auta Rosa nunca foi fácil. Viveu como escrava, foi humilhada por muitos, inclusive por seu padrinho e sua madrinha. Foi “mulher de vida fácil” e quando engravidou foi mandada embora da casa de sua madrinha. Foi ama de leite para os filhos de muitas mulheres que não conseguiam e que não gostavam de dar de mamar para não ficar com os seios caídos. Elas não queriam ver Auta e não aceitavam que seus filhos colocassem a boca no seio de Auta, mas aceitavam o seu leite para alimentar seus filhos. Elas acreditavam que as crianças se acalmavam quando tomavam o leite de Auta Rosa. E assim foi durante muito tempo”.*²

A senhora contou ainda que por bastante tempo a cova da finada Auta, do lado de fora do cemitério, causou revolta e comoção nas pessoas que visitavam o cemitério. E que por pena daquela situação as pessoas começavam a acender velas pela alma da finada Auta Rosa, o que acabou se tornando uma tradição que segue sendo contada e recontada pelas pessoas mais antigas, assim como seu pai contou para ela a vida inteira.

Ouvir os relatos recontados por moradores e moradoras da cidade onde Auta Rosa cresceu, morreu e tornou-se objeto de devoção popular me fez perceber o quanto seria complexo escrever sobre alguém esquecido no tempo e lembrado a partir da perspectiva religiosa, sem ser levados em consideração outros elementos igualmente importantes da sua vida material. Além disso, a experiência de ouvir os relatos intensificou a necessidade de dar visibilidade à sua história.

Relatos da história de Auta Rosa: o que os livros contam

Auta Rosa também tem sido objeto de estudo de alguns autores como Branco, Costa e Queiroz. Em geral, elas apresentam Auta Rosa como parte da cultura local e da manifestação de religiosidade popular da cidade de Amarante, apesar de perspectivas distintas.

Segundo Branco, Auta era uma jovem negra, descendente de escravos e escravas, que viveu entre 1861 e 1890, na casa de seu padrinho Jeronimo Antônio da Cunha e Silva, capitão da guarda nacional e de sua madrinha Amélia Avelino da Cunha e Silva. Ali chegou conduzida por uma tia que se chamava Maria Casca Preta, por volta dos 7 ou oito anos de idade. Segundo sua descrição, tratava-se de uma mulatinha magricela, mas de extraordinárias virtudes. Durante o tempo em que morou com seu padrinho e com sua madrinha, servia como ama da filha do casal e era responsável pelos afazeres domésticos. Ainda de acordo com Branco, Auta tornou-se uma jovem

² Relato da coleta durante visita realizada em 2 de novembro de 2016 e registrada em diário de campo.



de grande beleza e bondade, o que despertava a admiração de homens negros e o desejo de homens brancos que a cortejavam insistentemente. O autor segue afirmando que, no entanto, Auta levava uma vida tranquila: entre várias outras orações, aprendeu a rezar o Pai-Nosso e a Salve Rainha e tinha como padroeiro de sua devoção São Gonçalo. Todos os domingos assistia à missa como forma de prática religiosa e presença do sagrado em sua vida.³

Paradoxalmente, Costa defende a ideia que ninguém sabe ao certo a história de vida de Auta Rosa. Não sabem sequer o nome daquela que ele caracteriza como sendo um mito resultante da falsa fé das pessoas que lhe rendem devoção. Em seu livro, o autor apresenta o nome da personagem como Alta (com l e não u) por acreditar que Auta (com u) é apenas uma troca realizada por Homero Castelo Branco como um designativo de fé. Segundo ele, nem mesmo as descendentes da madrinha de Auta Rosa conhecem essa grafia; a escrita correta seria “Alta” (com l), em alusão à sua altura. Este dado, segundo Costa, teria sido revelado por uma senhora chamada Adrícula, filha de Amélia e Jeronimo, que foi amamentada por “Alta” Rosa tão logo esta chegou. O autor também afirma que quando ela chegou já era mãe e levou consigo um filho pequeno nos braços. O que se entende é que, conforme essa visão, Auta Rosa servira de ama de leite para Adrícula, filha de Amélia e para outros filhos que esta veio a ter. Isso porque, conforme diz o autor, “hospedada no quarto vizinho ao de Amélia, estava Alta e a pequena Adrícula que tinha agora à sua disposição dois grandes seios que mais pareciam coitês, cheios do leite precioso do qual ela tanto precisava”.⁴

Apesar das referências citadas até o momento não apontarem Auta Rosa como uma pessoa de difícil convivência, Costa apresenta o racismo como uma característica dela. Nesse sentido, definiu como “racismo dominante no coração de Alta” a rejeição de amamentar outra filha de Amélia chamada Almerinda, irmã de Adrícula, amamentada por ela desde o nascimento até os 2 anos de idade, tempo da suposta morte do seu filho. Ao ser ordenada, Alta teria respondido com veemência: “Não vou amamentar essa menina preta e feia, eu quero minha Adrícula que é branca e bonita”.⁵

É difícil encontrar relação entre este episódio referenciado por Costa e outras referências, citadas por Branco e Queiroz, bem como por pessoas da comunidade conhecedoras da sua história, as quais caracterizam Auta como uma pessoa solidária à dor e ao sofrimento de todas as pessoas. Apesar da referência de Costa acerca da afirmação de que Auta Rosa teria chegado na casa de Amélia e Jerônimo já adulta e “meretriz”, em suas palavras, bem como sua afirmativa a respeito do sobrenome Rosa ser apenas uma forma de “torná-la cidadã” ao atribuir um sobrenome normalmente atribuído às mulheres brancas, tal afirmação não assegura que tenha ocorrido desta forma. Afinal,

³ BRANCO, 1999, p. 34.

⁴ COSTA, 2000, p. 11.

⁵ COSTA, 2000, p. 16.

as demais referências existentes, como aquelas relatadas por Branco em suas duas obras, *Auta Rosa* e *Ecos de Amarante*, bem como nos relatos da tradição oral não trazem essa informação.

A partir de sua afirmativa, poderíamos associá-la a uma manifestação de racismo e discriminação do autor devido ao fato dela ser negra, a ela ser atribuído o comportamento de prostituição e a ela ter sido negado o direito de ser enterrada em uma cova dentro de um cemitério, como normalmente acontecia o sepultamento naquela ou em qualquer outra cidade. Nesse sentido, de acordo com o documentário “Auta Rosa”, dirigido por Bertoldo Neto, existem diferentes versões sobre a vida da personagem, o que torna difícil a reconstrução de sua história de maneira definitiva.⁶

No documentário, o historiador Queiroz afirma que Auta sofreu violência sexual, foi prostituída, explorada sexualmente, provavelmente por um dos filhos de sua madrinha, o qual teria arrebatado seu filho ao nascer, mandando-o para longe a fim de não envergonhar e não deixar mácula na imagem da família. Essa versão ainda hoje é recontada por pessoas mais antigas da comunidade que assim ouviram de seus antepassados e suas antepassadas.⁷

Apesar das diferentes versões, observa-se que a vida de Auta pode ser caracterizada como rotineira, em que cotidianamente realizava afazeres domésticos e servia de ama de leite para filhos e filhas de sua madrinha. No entanto, sua vida mudou drasticamente no dia em que sua madrinha Amélia descobriu e revelou ao seu padrinho Jeronimo que a afilhada teria se tornado mulher da vida. Segundo Branco, certa manhã, a madrinha de Auta, já desconfiada, encaminhou-se para o seu quarto, acendeu uma vela à Virgem, como forma de devoção antiga que fazia todas as sextas feiras. Sentou-se em uma rede e, acendendo um cigarro, começou a pensar sobre a vida de Auta quando lhe veio o pensamento sobre se ela ainda era “moça”.⁸ Tomou a medida do pescoço com uma linha, fazendo com que a menina prendesse com os dentes de forma firme as extremidades. Segundo ela, se a cabeça não passasse pelo círculo formado pela união das extremidades, era indicativo de que preservava sua honra intacta. Caso contrário, se o círculo formado pela linha fosse suficiente para passar a cabeça da menina e chegar até o seu pescoço, era indicativo de que não era mais virgem e assim considerada impura.⁹

Ao perceber que seria submetida a este teste, Auta teria confessado para sua madrinha o ocorrido. Constatou, assim, a madrinha que Auta perdera a virgindade passando a afirmar para todas as pessoas a desgraça que havia acontecido. Segundo ela, Auta teria se tornado “mulher da vida”. Seu padrinho, apesar da tristeza pelo ocorrido, sentiu-se desejoso de afagar-lhe os cabelos

⁶ RODRIGUES, Alvania da Cunha Pereira. *Documentário Auta Rosa*. Amarante (2011). Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

⁷ QUEIROZ, VIRGILIO. *Documentário Auta Rosa* (2011). Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

⁸ O termo *moça* sempre foi utilizado como indicativo de que a mulher ainda não manteve relações sexuais e que permanece virgem.

⁹ BRANCO, 1999, p. 24.

carinhosamente, mas não teria conseguido romper a postura de homem de coração duro. Não considerada digna do perdão de sua madrinha e diante da indiferença do seu padrinho, Auta foi devolvida para sua tia Maria Casca.

Ainda no documentário, Queiroz aponta que, ao descobrir que a afilhada não era mais virgem, Amélia a mandou para o ambiente de prostituição chamado Cai N'água e que ela encontrava-se grávida. Afirma também que Auta levou sua gravidez adiante, voltou para a casa de parentes em um bairro da cidade chamado Bonito, teve seu filho, mais tarde conhecido como Zé Gogó e que foi arrebatado para viver longe de Amarante para não deixar mácula na família de dona Amélia, sua madrinha.¹⁰

Queiroz conclui afirmando que Auta e seu filho, nascido depois que saiu da casa de Amélia, viviam em condições bastante difíceis, em uma pobreza extrema. Nesta situação de grande vulnerabilidade, ela teria começado a vender o corpo e se prostituir como forma de garantir a criação do filho e sua própria sobrevivência. Além disso, sendo sempre muito generosa, realizava trabalho benemérito acolhendo e cuidando de pessoas vitimadas pela tuberculose que viviam nas regiões próximas aos prostíbulos, tendo posteriormente contraído a enfermidade porque também cuidava dos corpos de pessoas enfermas e daquelas que morriam em decorrência da doença. Lavava seus corpos para serem enterrados e, assim, veio a contrair a doença que tempos depois foi considerada a causa da morte de Auta e de seu filho.¹¹

Experienciando outros relatos: ouvindo e sentindo sobre Auta Rosa

Partindo dos dados obtidos na primeira viagem, ao sistematizá-los no esboço dessa narrativa, percebi que a devoção à Auta Rosa, da forma como foi recontada, necessitaria de outros elementos que pudessem contribuir para o meu entendimento. Revendo o documentário sobre ela, identifiquei indicativos de lugares e de alguns personagens que precisariam ser visitadas com a mesma intenção de caminhar em direção ao entendimento da sua história. Nesse sentido, realizei uma segunda viagem como forma de ampliar as informações até ali obtidas e conhecer algumas pessoas que poderiam contribuir com o enriquecimento desta narrativa.

Uma delas foi a senhora Clotilde Ribeiro, popularmente conhecida como dona Coló. Outra pessoa foi o senhor Gregório Barbosa Ribeiro conhecido como Gregório, o escritor. Em depoimento feito no documentário sobre Auta Rosa, Coló e Gregório relatam experiências vivenciadas quando Auta ainda vivia, bem como após sua morte. A terceira pessoa foi uma jovem que conheci na visita realizada no dia de finados e que me falou da existência de uma pessoa que recebeu o nome de Auta Maria como reconhecimento da graça alcançada por sua mãe durante um parto difícil.

¹⁰ QUEIROZ, Virgílio. *Documentário Auta Rosa*. 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

¹¹ Idem, *ibidem*.



Era um sábado bastante ensolarado, com um calor intenso e baixa umidade quando chegamos a Amarante em busca destas informações. A partir do documentário sobre a vida de Auta, identificamos a existência de dois museus nos quais poderíamos obter algum dado novo; a existência de um devoto ainda vivo que teria alcançado uma graça ao realizar promessa em nome da finada Auta e de uma senhora que teria brincado com Auta Rosa na infância. Mesmo duvidando desta última informação, pelo fato de ter-se passado há mais de um século da sua morte, buscamos o que a fonte nos indicou.

Ali chegando encontramos o primeiro dos lugares, um dos museus da cidade, de portas fechadas. Uma moradora nos indicou o endereço da pessoa que trabalhava ali e que poderia abrir para que a gente realizasse a visita. Uma pequena distância separava o museu da residência daquela pessoa. Foi percorrendo essa pequena distância que novamente me senti próxima de Auta Rosa. Encontramos a casa antiga, como muitas outras, onde uma criança alegremente nos recebeu e a quem solicitei que chamasse uma pessoa adulta com quem pudesse falar.

Enquanto aguardava, observei a rua e fui levada por minha memória a uma cena assistida no documentário que relata a história de Auta revisto na noite anterior à viagem. Era a cena do seu cortejo. Auta era levada por dois homens em uma rede apoiada em um pedaço de madeira nas extremidades, até o cemitério, acompanhada de algumas pessoas. Assim teria sido seu último caminho percorrido. A simplicidade da cidade me fez igualmente pensar em como seria a estrutura daquelas ruas no tempo em que Auta viveu, há exatos 157 anos.

Fui trazida de volta pela presença da mãe da criança que gentilmente nos recebeu e nos convidou a entrar. Em nossa breve conversa, informei-lhe sobre os motivos da pesquisa ao que ela respondeu de forma simples e alegre que a casa em frente à dela era a residência onde Auta Rosa morou até quando foi embora depois que engravidou.

Naquele momento, minha reação foi de um deslocamento de mim mesma e do espaço que ocupava. Fiquei por alguns momentos tomada por uma sensação física de estranhamento e que me acompanhou durante todo o dia e que ainda me ocorre ao descrever a visita. Senti-me impactada pelo que aquela informação poderia subjetivamente representar diante do pensamento e da sensação que tive observando a rua enquanto aguardava alguém trazido por aquela criança e que abrisse a porta para nos receber. Ouvir que aquela foi a casa onde Auta Rosa morou e para onde voltou quando adoeceu foi suficiente para organizar aquela informação tão preciosa na minha mente inquieta de pesquisadora eufórica: muito provavelmente o cortejo que conduziu Auta Rosa até o cemitério passou por aquela rua. Posso caracterizar este episódio como a experiência de sentir mais intensa em todo o processo de descobertas sobre Auta Rosa.

Andando mais um pouco, encontramos uma residência adaptada e que funciona como museu preservando um acervo bastante significativo com objetos dos mais diversos tipos



organizados a partir de setores específicos. Livros antigos, inclusive um exemplar de *A Finada Alta*, de Francisco Soares da Costa, antigos objetos de uso doméstico; imagens de santos, dentre os quais encontramos sinais de tolerância e respeito à diversidade religiosa onde dividem o mesmo espaço uma pequena imagem de Auta Rosa de Amarante e imagens e outras divindades como o orixá africano conhecido por Iemanjá, conforme segue em registro abaixo:



Imagem de Auta Rosa

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Seguindo em busca das informações, chegamos à residência de uma das pessoas que, em tese, teria feito parte da infância de Auta Rosa, a senhora Clotilde Ribeiro, e que seria capaz de descrever alguma vivência desse período de vida tão importante dela. A expectativa criada não se realizou por completo, uma vez que, ao chegar à casa de dona Coló, a encontrei prostrada em seu leito há mais de cinco anos, sofrendo as sequelas de um acidente vascular cerebral. Obtivemos da família o registro de uma foto tirada quando ela completou 100 anos de vida.

O sol já começava a se por. O calor sufocante dera lugar a uma temperatura mais amena quando chegamos à residência do Sr. Gregório, onde fomos recebidos com a mesma espontaneidade e atenção da família. Gregório é o senhor que, segundo informações, teria sido atendido em uma promessa feita a Auta Rosa. Em nossa conversa, tímida, inicialmente, ele nos revelou ser locutor em um programa na Rádio Cultura de Amarante. Define-se poeta e escritor, não de formação, mas por desafio. Tornou-se sanfoneiro aprendendo de ouvido já com seus 80 anos.

Ao ser perguntado sobre a possível graça alcançada através da finada Auta Rosa, como ele se refere, contou que na época sentia dores de cabeça muito intensas e que já havia tomado



diversos tipos de medicação sem alcançar resultado algum. Foi então que suplicou com muita fé à finada Auta para que o livrasse daquele problema que havia se tornado insuportável. Devido a questões de divergência religiosa entre ele e o restante da família, preferiu não dar conhecimento a esta sobre a promessa feita de acender velas no túmulo de Auta caso fosse agraciado com a sua cura. A partir de então e até hoje se considera curado do mal que lhe acometia. Acredita na intervenção divina de Auta Rosa e permanece cumprindo a promessa feita, revelada à família somente a partir do depoimento feito no documentário.



Fotos de Gregório Ribeiro e Clotilde Ribeiro

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A visita seguinte se deu na casa da jovem Auta Maria, cujo nome recebeu de sua mãe em homenagem à Auta Rosa, de Amarante. Segundo as informações iniciais, a mãe de Auta Maria teria feito uma promessa durante o parto e o nascimento desta jovem. Ao se encontrar em situação de grande demora no parto, ela teria feito louvores e preces à finada Auta para que sua filha tivesse um nascimento tranquilo e que, assim sendo, em agradecimento daria a ela o nome de Auta Maria. Tendo sido atendida em seu desejo, cumprira a promessa.

E foi nessa perspectiva e com um grande desejo de conhecê-la, de entender e ouvir dela o sentido de levar a identidade de uma pessoa que foi tão sofrida mas, ao mesmo tempo, reconhecida no imaginário popular como santa que nos aproximamos da sua residência. Uma casa aparentemente simples, talvez como fora a de Auta Rosa, semelhante a muitas outras casas da vizinhança.

Com certo desânimo, encontramos novamente portas fechadas e apenas duas vizinhas sentadas em cadeiras dispostas na calçada da casa em frente. Informaram-nos não saber se ela estava em casa, e se estivesse provavelmente dormia devido ao barulho de ventilador vindo da janela do seu quarto. Após algumas tentativas, optando por respeitar o seu sono, preferimos não perturbar. Através das pessoas que nos deram as primeiras informações, soubemos que a jovem por quem procurávamos trabalhava em um posto de conveniências na entrada da cidade de Amarante e que, se não estava em casa, provavelmente ainda estaria no trabalho. Assim sendo, partimos em direção a mais um local em busca das informações que buscávamos. Chegando então

ao local de trabalho onde poderíamos encontrar a jovem Auta Maria, fomos informados de que ela não havia trabalhado naquele dia devido ao sistema de rodízio do trabalho.

Desse modo, nos demos conta que esta seria uma história que permaneceria no plano de nosso desejo. Já se fazia noite e precisávamos pegar a estrada de volta. Nesse momento, encerramos a viagem e a busca pelas informações que procurávamos e retornamos à nossa cidade de origem.

Importante perceber e registrar que a história cultural da cidade de Amarante é ricamente preservada por diversas pessoas e entidades que, segundo informações dadas pelas pessoas que nos atenderam, mesmo sem recursos ou investimentos do governo, mantêm suas tradições e sentem grande prazer em mantê-las vivas e de divulgar a quem delas precisa. Foi assim em todos os lugares por onde passamos, buscando conhecer a história narrada até o presente momento.

Acolhidas calorosas, convites para um cafezinho, apesar do imenso calor, disposição para falar, bem ao modo de cada um, a respeito de suas histórias e de suas lembranças. Orgulho em partilhar as memórias, fossem elas relacionadas ou não ao que buscávamos. Curiosidade em saber a finalidade de tantas perguntas e, principalmente, pessoas com um calor humano apaixonante, que mais uma vez nos fizeram ver que as mais belas e nobres atitudes estavam automaticamente relacionadas ao estilo de vida simples das pessoas amarantinas que nos acolheram da primeira à última visita.

Considerações finais

A inter-relação entre as histórias de vida levam, por fim, ao entendimento das relações existentes entre Auta Rosa, minha mãe e eu mesma e o campo do saber teológico. A busca por um objeto de estudo nos uniu e nos fez caminhar juntas nesse processo de reencontro de identidades que, ao longo das descobertas, foram se aproximando. Somos mulheres negras. Minha mãe e Auta Rosa viveram por longos anos como amas de leite e cuidando dos afazeres domésticos em casa de família que não era a sua. Amamentando ou simplesmente cuidando de filhos e filhas que não geraram. Ambas de uma generosidade sem igual. No entanto, suas vidas tiveram desdobramentos bastante distintos.

O contexto em que viveu Auta Rosa não lhe favoreceu as condições para transformações de vida no sentido de alcançar uma perspectiva diferente e sair da condição de submissão a ela imposta. Entretanto, foi essa condição que, de certo modo, lhe atribuiu o que está eternizado na memória popular e na vida daquela comunidade a partir da lápide em sua sepultura.

A partir da escrita acima, identifica-se o que poderia parecer impossível no contexto em que Auta Rosa viveu: Que uma mulher negra, pobre e prostituída, saísse desta para a condição de mito popular, ou mesmo uma santa não canônica capaz de influenciar as manifestações de fé e de



religiosidade das mesmas pessoas que a discriminaram. Impossível seria igualmente pensar que manteria essa condição especial de manifestação popular por tanto tempo, uma vez que ainda hoje são direcionadas promessas e, como reconhecimento de sua “santidade”, são atribuídos ex-votos, orações, velas, manutenção de seu túmulo como forma de agradecimento pelas graças recebidas. Maior que isso, ser considerada pela comunidade um elemento de ligação entre o povo que sofre, a necessidade de libertação e o sagrado.

Tudo isso aconteceu em Amarante a partir de Auta Rosa e de sua história tão peculiar. Ela representa hoje, a luta das mulheres negras e sua resistência no tempo, levando-as a buscar, a partir do legado de Auta Rosa, a conquista por espaços nunca ocupados. Pensar a vida de Auta Rosa, hoje, é reconhecer a conquista de novos lugares onde o pensar e o sentir são igualmente partilhados e utilizados como forma de construir novas realidades.

Compreende-se, ainda nesse sentido, que a perspectiva da interseccionalidade na narrativa sobre Auta Rosa permite unir as categorias defendidas pela teologia negra e, ao mesmo tempo, pela teologia da libertação. Entende-se também que a santidade atribuída a Auta Rosa pela crença popular a insere no campo do saber discutido pela teologia feminista negra. A devoção mantida pelas pessoas da comunidade pode refletir o processo de afirmação da identidade negra e o resgate da cidadania negra também a partir da preservação da sua memória no contexto específico onde ela é, ainda hoje, fonte de esperança, motivação e transformação na vida e na fé das pessoas.

O contexto em que viveu minha mãe era de liberdade, menos hostil, com outras possibilidades. Sua capacidade de percepção lhe fez aprender com a realidade vivida, seu feminismo desconhecido lhe fez contestar e lutar mesmo em silêncio por uma condição de vida melhor para si e, conseqüentemente, para nós que somos sua família. Sua compreensão de mundo nos fez aprender que os lugares e espaços limitados à nossa condição de mulheres negras não eram definitivos e, sendo a “mãe preta” daquelas crianças brancas que frequentavam boas escolas que ela entendeu, desde cedo, que a partir da educação, que ela não teve, mas que sonhava para nós, era possível vir a ter um futuro diferente daquele vivido por ela, suas irmãs e irmãos, daquele vivido por Auta Rosa, de Amarante. Foi este o seu objetivo e sua missão, hoje cumprida. Compreendo que, sem o seu feminismo, não identificado e não aceito por ela, devido às distorções associadas ao termo, as possibilidades de hoje discutir teologia a partir de um curso de mestrado não existiriam nem mesmo em sonho. Foi a sua resistência, tal qual a resistência de Auta Rosa, que transformou a minha realidade de vida bem como a vida e o futuro de minhas irmãs.

Por fim, os elementos para a criação de uma teologia feminista negra assentam-se no fato de que, mesmo em sua compreensão acerca da necessária e urgente transformação no tocante à luta pelos direitos iguais para homens e mulheres, a teologia feminista, nascida em meio a discussões intelectuais em um contexto mais acadêmico do que popular, certamente não chegou a

alcançar as demandas de outras tantas mulheres oriundas dos meios populares, de realidades distintas, oprimidas, excluídas e marginalizadas porque além de mulheres eram negras, homossexuais, pobres e órfãs.

A teologia feminista negra vem a partir das lacunas deixadas em aberto pelo feminismo e pela teologia feminista, lutar por direitos que ficaram para trás quando teólogas feministas brancas, apesar de bravas e guerreiras, se ocuparam de demandas igualmente fechadas em um mundo de horizontes limitados. A teologia feminista negra precisa desconstruir realidades e concepções que impedem a busca de afirmação de identidades próprias de mulheres negras, perceber as interseccionalidades de categorização que muitas vezes excluem, discriminam e tornam a contribuir com a legitimização do preconceito, da discriminação e do sentimento de não pertencimento.

Pesquisar sobre Auta Rosa trouxe de modo bem peculiar a percepção de que revisitar espaços históricos nos quais pessoas como ela viveram, ter contato com elementos considerados sagrados na perspectiva da crença popular, contribuiu para a identificação de questionamentos e vivências que, de outro modo, não seriam possíveis. Permitiu revisitar crenças pessoais, tornar-me permeável e sair ou, pelo menos, deslocar-me temporariamente da postura cética que, às vezes, o fazer ciência nos traz.

A discussão sobre histórias de vida igualmente nos empodera no sentido de fortalecer as identidades em construção. Perceber a herança recebida de nossa ancestralidade, neste contexto representada por Auta Rosa nos leva a compreender que somos parte de uma história maior, não limitada dentro de um tempo específico, mas permeável e constante de mudanças, transformações e recomeços. A resistência de Auta Rosa ao sofrimento e ao tempo precisa trazer um significado para nossas vidas de mulheres negras igualmente sofridas, discriminadas, humilhadas e a quem os direitos foram negados. Tornar-se resistência e símbolo de luta por justiça e por igualdade de direitos, de respeito à nossa cidadania e de fortalecimento das diferenças e peculiaridades que nos igualam. Também estes são desafios para a teologia feminista e feminista negra.

Enfim, por assim entender, discutir a teologia feminista negra promove uma hermenêutica negra feminista que auxilia no processo de compreensão da necessária tomada de consciência acerca do poder que têm as mulheres negras, desconstruir concepções criadas a partir de uma perspectiva androcêntrica branca europeia e reconstruir outros modos da mulher negra ver a si própria como autora de sua história, participe das conquistas, mudanças e transformações em diversos aspectos de sua vida individual e na coletividade.

Referências

BRANCO, Homero Castelo. *Ecoss de Amarante*. Litteris Editora Ltda.: Rio de Janeiro, 2001.



BRANCO, Homero Castelo. *Auta Rosa*. Teresina: Gráfica e Editora do Povo Ltda, 1999.

CASTRO, Nazi. *Amarante*: um pouco da história e da vida da cidade. 3. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.

COSTA, Francisco Soares da. *A finada Alta*. Amarante: Gráfica Israel, 2000.

Documentário Auta Rosa. Produzido pela Associação dos Amigos de Amarante, Ponto de Cultura “escola de Música para a vida”, Casa de Cultura Museu Odilon Nunes, Cine Mais Cultura, dirigido por Bertoldo Neto. Amarante, 2011.

QUEIROZ, Virgílio. *Documentário Auta Rosa* (2011). Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

RODRIGUES, Alavania da Cunha Pereira. *Documentário Auta Rosa*. Amarante, 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

[Recebido em: junho de 2018
Aceito em: julho de 2018]